UM GRAPIÚNA DA CAPITAL DA BAHIA

Cid Seixas

Foi a partir dos anos emblemáticos de 1968 que o nome Ricardo Cruz passou a ter existência no quadro da literatura, quando a editora Record publicou a antologia ***Doze Contistas da Bahia.*** Uma seleção muito estrita incluía um iniciante, ainda sem um só livro individual, o que, aliás, era a regra do jogo.

Somente depois de participar de obras coletivas e obter alguma repercussão junto ao público, os autores se aventuravam a percorrer os caminhos solitários para neles encontrar os possíveis leitores.

Mas daí a pouco tempo, precisamente no ano de 1973, ele iria figurar em uma antologia publicada na Rússia, ***K Iugú of Rio Grande***, juntamente a escritores consagrados como Julio Cortázar e outros mestres do gênero. O primeiro livro individual só veio em 1982, ***Roteiro para uma tempestade***, quando a Literarte, uma livraria que marcou época na Bahia, a partir do final dos anos setenta, iniciou seu programa editorial, para o

qual fui convidado a assumir a editoria, a convite de livreiro Getúlio Santana.

O início da trajetória de Ricardo Cruz foi marcado pela sua condição de escritor do ciclo do cacau, embora ele tenha nascido na Cidade do Salvador e aqui desenvolvido suas atividades de estudante de medicina e, posteriormente, de psiquiatra e psicanalista. Aqui também integrou a chamada Geração Revista da Bahia, juntamente a escritores como Marcos Santarrita, Ildásio Tavares, Maria da Conceição Paranhos, Cyro de Mattos, Sônia Coutinho e outros.

Na verdade, ele viveu parte da infância e da adolescência no Sul da Bahia, num dos momen-

tos cruciais de definição dos novos rumos da cultura cacaueira. Assim, o seu imaginário foi impregnado pelas marcas da grei. Foi assim também que o nome de escritor foi simplificado para Ricardo Cruz, de contundente brasilidade, em lugar do sobrenome familiar Brugni Cruz.

O crítico e também prosador Hélio Pólvora traça um perfil definitivo do autor:

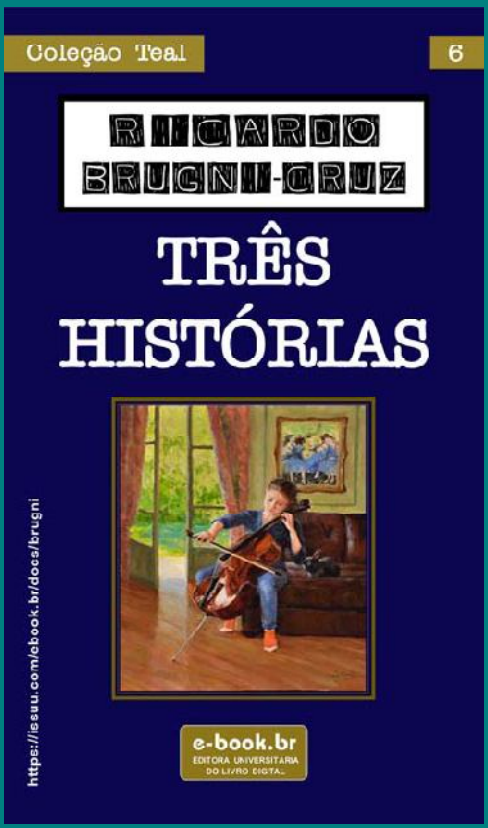
> "*Todas as Luzes do Mar* é um título sugestivo para um feliz livro de contos de RC, que já tem dois livros publicados, no gênero, e algumas histórias curtas em antologias brasileiras. Escri-

tor quase veterano, portanto, e que escreve devagar, preocupado com a qualidade e sem querer forçar os favores da mídia, conquistou com recursos exclusivamente literários um lugar de relevo na contística baiana.

Neste seu novo livro – um dos anteriores, *Roteiro para uma Tempestade*, está ambientado na região cacaueira, em momento de luta ideológica – ele muda de tom. Em vez da ênfase nos temas políticos, em vez de altear a voz nas denúncias, esforça-se para delinear um ficcionismo em torno de personagens bem estudados, tanto nas ações quanto nos sentimentos."

Fazendo um retrospecto do crescimento de Ricardo Brugni-Cruz enquanto narrador, Hélio Pólvora pontua:

"Quanto a *Benditos Perversos*, temos de convir que



RC não faz ficcionismo erótico simplesmente pelo desejo de entrar na moda. Não, ele vai mais longe, ele desce fundo. Seus contos sobre desordens sexuais investigam, por trás de atos concretos ou desejos velados, os impulsos que deflagram a necessidade de desordem."

E como modo afirmativo de admiração pela obra do autor, acrescenta ainda:

"Disso resulta uma tragicidade que, em contos exemplares, como «Rita (e a Paixão)», «O Desejo e sua Dança» e «O Cúmplice», está entranhada na vida, é a pró-

pria vida. Porque o desejo erótico, ao invés de apenas exaltar e transportar, é também arma de inquirição, metafísica, instrumento de castigo e submissão pessoal."

Mais não é preciso dizer. Resta o julgamento imparcial e definitivo do leitor, pois é ele quem consagra ou condena as obras e os autores, ao longo do tempo e da história.

SEIXAS, Cid. Um Grapiúna da Capital da Bahia. Apresentação do livro *Três Histórias*, de Ricardo Brugni-Cruz. Salvador, E-book.Br, 2018, p. 5-9. Endereço <https://issuu.com/e-book.br/docs/brugni> ou <www.linguagens.ufba.br>